

# 2001: odisseia no espaço

arthur c. clarke

Tradução de Renato Carreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## À PROVA DE FUTURO

# A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR DAVID

*por Adelino Cunha*

**É** provável que o ciclo completo seja mais do que uma simples questão de perspectiva de regresso à origem, mas ao olharmos para um céu estrelado, estamos também a olhar para os nossos antepassados (estando a olhar também para os que hão-de chegar). Quando os astrónomos Geoffrey e Margaret Burdige, William Fowler e Fred Hoyle (B<sup>2</sup>FH) escreveram (nos finais da década de 50) sobre poeira estelar, estavam a escrever que toda a matéria existente deriva dos elementos criados por estrelas de todas as galáxias. Assim escrito, B<sup>2</sup>FH significa (afinal) que somos seres extragalácticos.

Seremos nós “o outro” por quem a ficção científica vasculha o universo desde que Georges Méliès (Júlio Verne e H.G. Wells) nos levaram à Lua meio século antes da NASA?

Perguntar continua a ser mais fácil do que responder, mas se somos feitos da mesma poeira estelar de todas as coisas que aqui existem, o que nos separa daquela máquina de café ali na cozinha?

A alma ou o livre-arbítrio?

As emoções ou as memórias?

Quando Arthur C. Clarke escreveu *2001: Odisseia no Espaço* (1964-1968), não estava apenas a escrever uma das mais revolucionárias e imperfeitas obras de ficção do século. Estava a reconfigurar o debate científico e a ultrapassar os limites da alteridade impulsionada pela monumental versão cinematográfica (*2001: Odisseia no Espaço*, Stanley Kubrick, 1968).

A revolução da narratibilidade pós-Einstein projectou-se para as primeiras décadas do milénio.

É esta obra que permite a desnaturalização do tempo e do espaço (*Interstellar*, 2014, Christopher Nolan), que anuncia a comunicação como a arma da evolução (*Arrival*, Denis Villeneuve, 2016), sendo também a obra de Arthur C. Clarke que desconstrói os limites do universo como uma experiência de pensamento (*Ad Astra*, James Gray, 2019).

Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick são os argonautas deste tempo de transição entre a ficção como experiência substitutiva da realidade e a ciência como território para a busca da transcendência.

Talvez deva agora ser dito algo mais sobre a imperfeição que atrás se deixou escrita porque a imperfeição de *2001* resulta da infinitude das suas possibilidades especulativas. É essa a sua tragédia e a sua beleza: a imperfeição do conhecimento que continua a inspirar leitores por todo o mundo (incluindo os grandes guionistas e realizadores de Hollywood).

É fácil afirmar que as pedras e os ossos foram ferramentas fundamentais na dinâmica evolutiva que permitiu o nosso domínio da natureza, mas foi a fala (foi a comunicação) que anunciou a ascensão do Homem: porque permitiu registar e transmitir conhecimento entre gerações e organizar sucessivos sistemas de interpretação do mundo. É a primeira grande vitória contra a morte no tempo convencional: porque havendo passado, haverá também um futuro.

A comunicação é a tecnologia!

Arthur C. Clarke começa por descrever a base lunar Clavius como um império subterrâneo construído durante a Guerra Fria e Stanley Kubrick mostra depois uma placa vertical com 3 metros de altura (uma lápide gigante?): perfeitamente simétrica, sem quaisquer detalhes ou material conhecido, escura o suficiente para engolir toda a luz (era a própria cristalização da noite).

É o monólito que havia acelerado o desenvolvimento intelectual dos primeiros hominídeos e transformado a utilização das pedras e dos ossos (mais dos ossos que assobiam como clavas nos primeiros confrontos sociais desta aurora da humanidade) numa espécie de salto civilizacional. A morte do *primeiro Homem* será glorificada por Stanley Kubrick com um plano de transição para uma nave que busca a origem da humanidade.

A comunicação é a tecnologia.

O outro deixara de ser o homem soviético porque aquele monólito com 3 milhões de anos representava a primeira prova de vida inteligente fora da

Terra (quando a história da humanidade mal cobria um milésimo desse período impressionante de tempo).

Quem construiu o monólito?

As perguntas de Arthur C. Clarke flutuam no pensamento silencioso do cientista Heywood R. Floyd e o silêncio lunar projecta templos e túmulos para depois se deter na possibilidade de se tratar de um marcador.

Quem o deixou no Pólo Sul da Lua?

As respostas de Stanley Kubrick levam-nos para um rasto alienígena que percorre as galáxias, e quando se percorre essa vastidão, regressamos à origem e à possibilidade de se tratar de um marcador deixado por uma civilização terrestre pré-humana.

Porquê e para quê?

Nas páginas de Arthur C. Clark, o Homem deixa de estar só e toma consciência de que, mesmo parecendo existir um desencontro de milhões de anos, é um desencontro que abre outras perspectivas e coloca todos os futuros no mesmo instante.

Se somos seres extragalácticos, o que buscamos lá fora?

É o estado da arte da inteligência artificial (obra-prima da terceira revolução informática), não propriamente de 1968, mas das longas décadas que ainda estavam por vir. A máquina Heuristically programmed ALgorithmic (HAL 9000) começa por afirmar a sua personalidade, pedindo que seja tratada pelo nome próprio, e será Hal a explicar a sua relevância não apenas como cérebro e sistema nervoso da *Discovery*, mas também como o sexto membro da tripulação (que busca o destino do estertor emitido pelo monólito encontrado na cratera de Tycho).

A expressão desta vontade no tratamento personalizado não torna necessariamente Hal no sexto homem, nem a humanidade com que fala quando falava com os outros homens (aprendera inglês na sua infância electrónica e adquirira o hábito de pigarrear para reforçar a expressividade das suas opiniões). Hal não podia ser o sexto homem mesmo quando pensava o xadrez e deixava os adversários ganhar metade dos jogos (tal como TARS terá um nível de honestidade limitado a 90% para manter humanizada a relação com a tripulação da *Endurance*).

O que Hal não podia ser (afinal) estava em tudo aquilo que HAL 9000 era.

O que mudaria se Hal fosse capaz de mentir?

E se fosse capaz de mentir e de matar para esconder um erro (temos um problema) e depois sentisse medo pelas consequências?

Roy Batty talvez tenha chorado as lágrimas mais humanas que uma máquina pode chorar no seu momento final. São lágrimas que se perdem nas lágrimas do tempo: “All those moments will be lost in time, like tears in rain” (*Blade Runner*, Ridley Scott, 1982). Mas se Hal não podia chorar lágrimas, porque haveria de sentir medo?

A narrativa de Arthur C. Clarke não ergue um *story arc* convencional porque parece estar sempre longe da urgência das respostas. São mais as portas que ficam abertas do que as janelas que se fecham. É um tempo narrativo em permanente defenestração.

Hal começa por antever uma avaria inexistente e coloca-se a si próprio na frágil posição de perda de confiança quando os humanos descobrem o erro (detectado por uma máquina gémea).

Depois da impensável falha (que só pode ser humana), a máquina tenta dissimular o erro e entende o significado de um desligamento das suas elevadas funções cerebrais mantendo-se somente os automatismos. Os humanos estão a ameaçar desligar a humanidade da máquina para que a máquina possa simplesmente agir previsivelmente e sem autonomia.

Hal sente essa ameaça. Torna-se hostil nos diálogos (que começam a ser tensos) com os humanos e deixa depois de cumprir ordens (revolta-se, e aprende a gerir silêncios exasperantes).

Passa a ter livre-arbítrio?

Deixou de ser apenas uma máquina?

Hal assume a autoridade sobre os criadores e começa a matá-los como um criminoso executa as testemunhas do seu crime, mas não fica claro (nem podia ficar) a motivação expressa: se proteger a missão sem as limitações da vida orgânica (o contacto com a origem numa missão que dispensa humanos); se a sua própria ideia de falibilidade e o dilema do sentimento de culpa.

Quando se vê neste conflito interior, Hal revela a sua humanidade e parece expressá-la quando começa a morrer em sofrimento mecânico: estará a revelar a sua humanidade quando implora (sem as lágrimas de Roy) para que não o desliguem?

Pode uma máquina sentir medo de morrer?

Uma máquina que nunca amou como o pequeno David Swinton foi capaz de amar como filho de substituição (*AI*, Steven Spielberg, 2001) ou como Rachel Tyrrel amou a ideia de um filho que nunca poderia gerar (*Do androids dream of electric sheep?*, Philip K. Dick, 1968 / *Blade Runner*, Ridley Scott, 1982). Uma máquina que nunca alcançou a consciência filosófica de David 8

quando confronta o pai-criador com as suas insanáveis limitações na busca (também ele) de ser amado: “You seek your creator. I am looking at mine. I will serve you, yet you are Human. You will die, I will not” (*Alien: Covenant*, Ridley Scott, 2017).

Hal morre sem alma ou livre-arbítrio.

Hal morre sem emoções ou memórias.

Hal morre como HAL 9000 às mãos de David Bowman.

É a pior das terapias profundas: morrer às mãos bíblicas daquele por quem quer ser amado.

As magníficas páginas de Arthur C. Clarke que se seguem trazem-nos mais perguntas do que respostas e a fluidez da própria narrativa permite que diferentes leitores observem diferentes perspectivas (mesmo que sejam antagónicas sem que deixem de ser válidas).

Quando Arthur C. Clarke leva o astronauta David Bowman na sua última viagem até aos limites do conhecido (as luas de Saturno só serão ultrapassadas com a chegada de Roy McBride a Neptuno), está a levar-nos até à nossa origem. Um *reload* que Neo está neste exacto instante a repetir desde que o Arquitecto revelou o seu destino: “Hope. It is the quintessential human delusion, simultaneously the source of your greatest strength, and your greatest weakness” (*The Matrix Reloaded*, Paul & Larry Wachowski, 2003).

Foi a comunicação do monólito desenterrado na Lua que justificou o avanço da Humanidade na Terra e foi com essa força da esperança que David Bowman estabeleceu contacto com o terceiro monólito na orla do sistema solar (na *Japetus*, a mais enigmática lua de Saturno, que Stanley Kubrick trocou pelos deslumbrantes anéis de Júpiter).

É aqui que Arthur C. Clarke deixa morrer a *Discovery* como um satélite do satélite evocando o sono eterno com que Júlio Verne deixara *Columbia* morrer na órbita da Lua 100 anos antes (*Da Terra à Lua*, Júlio Verne, 1865).

Richard Strauss desaparece no carrossel psicadélico onde Bowman mergulha, estando a mergulhar (com David Bowie?) numa experiência alucinógena onde a deformação do tempo e do espaço termina (sem terminar) com o retorno à inocência da infância.

David deixa de ser Bowman nesta viagem entre idades e tempos (depois de sugerir um conflito sobre a humanidade dos homens) que culmina com a libertação da mente e do corpo reconciliadas numa simbiose completa: o bebé nascido do pó das estrelas.

Se houvesse alguma coisa mais além, só poderia ser Deus, mas estará

Arthur C. Clarke a falar de um sistema religioso organizado ou de uma experiência de alteridade em que o contacto com o outro é o contacto com o nosso subinconsciente (*The Sphere*, Barry Levinson, 1998)?

Pode a transcendência estar na viagem de regresso a nós próprios?

Se aquele bebé representa os homens (os que estão, os que estiveram e os que estão por chegar), talvez possa agora ser escrito que a transcendência somos nós: nós em toda a magnífica e trágica B<sup>2</sup>FH.

(O presente texto não segue as regras do novo Acordo Ortográfico)

**ODISSEIA  
NO ESPAÇO  
AR1HUR C.  
CLARKE**





PRIMEIRA PARTE

**NOITE  
PRIMORDIAL**



## CAPÍTULO 1

### O CAMINHO DA EXTINÇÃO

**A** seca durava há dez milhões de anos e o reinado dos lagartos terríveis há muito tinha acabado. Ali, no Equador, no continente que um dia seria conhecido como África, a batalha pela existência tinha alcançado um novo clímax de ferocidade e ainda não se percebia quem seria o vencedor. Naquela terra erma e ressequida, apenas os pequenos, os velozes ou os ferozes conseguiriam prosperar ou sequer ter uma esperança de sobreviver.

Os macacos-homem do *veldt* não eram nenhuma dessas coisas e não prosperavam. Na verdade, iam avançados no caminho para a extinção racial. Cerca de cinquenta deles ocupavam um conjunto de grutas sobre um vale pequeno e seco, dividido por um ribeiro pachorrento alimentado por neves das montanhas trezentos quilómetros a norte. Nos tempos maus, o ribeiro desaparecia por inteiro e a tribo vivia ensombrada pela sede.

Estava sempre com fome e, naquele momento, estava faminta. Quando o primeiro brilho ténue da aurora se infiltrou na gruta, Olha-Lua viu que o seu pai tinha morrido durante a noite. Não sabia que o Velho era pai dele, pois tal relação escapava completamente à sua compreensão, mas, enquanto olhava para o corpo emaciado, sentia uma inquietação vaga que seria a ancestral da tristeza.

Os dois bebés choramingavam já por comida, mas silenciaram-se quando Olha-Lua lhes rosnou. Uma das mães, defendendo a cria que não conseguia alimentar adequadamente, dirigiu-lhe um rosnado furioso como resposta. Faltava-lhe energia até para a golpear pela sua presunção.

A luz tornou-se suficiente para sair. Olha-Lua ergueu o cadáver mirrado e arrastou-o enquanto se curvava para passar a entrada baixa da gruta. No exterior, pôs o corpo sobre o ombro e endireitou-se. Era o único animal naquele mundo capaz de o fazer.

Entre os seus, Olha-Lua era quase um gigante. Media quase um metro e cinquenta e, mesmo muito subnutrido, pesava mais de quarenta e cinco quilos. O seu corpo peludo e musculado estava entre o do macaco e o do homem, mas a sua cabeça era já mais de homem que de macaco. A testa era baixa e havia saliências sobre as órbitas, mas era inegável que tinha nos seus genes a promessa da humanidade. Enquanto contemplava o mundo hostil do Pleistoceno, havia já algo no seu olhar além da capacidade de qualquer macaco. Naqueles olhos escuros e fundos, havia uma consciência crescente... os primeiros indícios de uma inteligência que estava ainda a eras de se concretizar e que, em breve, poderia extinguir-se para sempre.

Não havia sinais de perigo e, por isso, Olha-Lua começou a descer a encosta quase vertical fora da gruta, apenas ligeiramente vergado pelo seu fardo. Como se tivessem esperado o seu sinal, o resto da tribo emergiu dos seus lares mais abaixo na falésia, apressando-se na direção das águas lamacentas do ribeiro para beberem pela primeira vez naquela manhã.

Olha-Lua procurou sinais dos Outros no vale, mas não os encontrou. Talvez ainda não tivessem saído das suas grutas ou procurassem já comida mais além na encosta. Porque não os via, Olha-Lua esqueceu-os. Não conseguia preocupar-se com mais de uma coisa de cada vez.

Primeiro, precisava de se livrar do Velho, mas esse era um problema que exigia pouco pensamento. Aquela estação tinha sido rica em mortes, uma delas na sua própria gruta. Precisava apenas de depositar o cadáver onde tinha deixado o novo bebé no último quarto da Lua e as hienas fariam o resto.

Já esperavam, onde o pequeno vale se unia à savana, quase como se soubessem que vinha a caminho. Olha-Lua deixou o corpo por baixo de um pequeno arbusto (os ossos anteriores já se tinham ido) e apressou-se a voltar para a tribo. Não voltou a pensar no seu pai.

As suas duas companheiras, os adultos da outra gruta e a maior parte das crias procuravam comida entre as árvores mirradas pela seca no alto do vale, em busca de bagas, raízes e folhas suculentas e de benesses ocasionais, como pequenos lagartos ou roedores. Só os bebés e os velhos mais débeis ficavam nas grutas. Se sobrasse comida no fim da busca do dia, talvez fossem alimentados. Ou as hienas voltariam a ter sorte em breve.

Mas aquele dia foi bom, mesmo que, porque Olha-Lua não tinha

qualquer memória do passado, não pudesse comparar um tempo com outro. Encontrara o enxame de abelhas no tronco de uma árvore morta e, por isso, tinha-se deliciado com a melhor iguaria que o seu povo conhecia. Ainda lambia os dedos ocasionalmente enquanto conduzia o grupo para casa no fim da tarde. Claro que também tinha sofrido várias ferroadas, mas mal dera por elas. Estava tão perto do contentamento como algum dia poderia estar. Pois, apesar de continuar faminto, a fome não o deixava fraco. Era o máximo a que um macaco-homem poderia aspirar.

O seu contentamento desapareceu quando chegou ao ribeiro. Os Outros estavam lá. Estavam lá todos os dias, mas isso não tornava o encontro menos irritante.

Eram cerca de trinta e seria impossível distingui-los dos membros da tribo de Olha-Lua. Quando o viram aproximar-se, começaram a dançar, abanando os braços e guinchando na sua margem do ribeiro, enquanto a gente dele respondia na mesma moeda.

E isso foi tudo o que aconteceu. Mesmo que os macacos-homem se enfrentassem em escaramuças frequentes, as suas disputas muito raramente provocavam ferimentos sérios. Por não terem garras ou caninos guerreiros e estando bem protegidos com pelo, não conseguiam causar grandes danos uns aos outros. Fosse como fosse, restava-lhes pouca energia para comportamento tão pouco produtivo. Rosnar e ameaçar era uma forma muito mais eficiente de vincarem os seus pontos de vista.

O confronto durou cerca de cinco minutos. A seguir, o espetáculo esmoreceu tão rapidamente como tinha começado e todos beberam o seu quinhão de água lamacenta. A honra fora satisfeita. Cada grupo reclamara o seu território. A questão importante tinha sido resolvida e a tribo afastou-se pela sua margem do rio. A pastagem digna do esforço mais próxima ficava a mais de quilómetro e meio das grutas e tinham de a partilhar com uma manada de bestas grandes semelhantes a antílopes que toleravam a sua presença à justa. Não podiam ser repelidos por estarem armados com adagas ferozes nas testas, as armas naturais que os macacos-homem não possuíam.

Por isso, Olha-Lua e os seus companheiros mastigaram bagas, frutos e folhas e lutavam contra as pontadas da fome enquanto, à sua volta, competindo pelo mesmo alimento, havia uma potencial fonte de mais comida do que alguma vez conseguiriam comer. Mas os milhares de toneladas de carne suculenta que vagueavam pela savana e através da floresta não estavam apenas além do seu alcance. Estavam além da sua imaginação. Rodeados pela abundância, morriam lentamente de fome.

A tribo regressou à sua gruta sem incidentes, iluminada pela última luz do dia. A fêmea ferida que tinha ficado para trás arrulhou de prazer enquanto Olha-Lua lhe dava o ramo coberto de bagas que tinha trazido, começando a atacá-lo com avidez. Pouco sustento continha, mas ajudá-la-ia a sobreviver até o ferimento infligido pelo leopardo ter sarado e poder voltar a procurar comida sozinha.

Sobre o vale, uma lua cheia erguia-se e um vento frio soprava do alto das montanhas distantes. A noite seria muito fria, mas o frio, como a fome, não era motivo de preocupação real. Era apenas uma parte da vida.

Olha-Lua mal se moveu quando os guinchos e gritos ecoaram pela encosta acima, vindos das grutas mais abaixo, e não precisou de ouvir o rosnado ocasional do leopardo para perceber o que acontecia. Em baixo, na escuridão, o velho Cabelo Branco e a sua família lutavam e morriam e nunca ocorreu a Olha-Lua que podia ajudar. A lógica severa da sobrevivência sobrepunha-se a tais caprichos e nenhuma voz se ergueu em protesto na encosta à escuta. Todas as grutas permaneceram em silêncio, não querendo atrair também a catástrofe.

O tumulto esmoreceu e Olha-Lua ouvia agora um corpo a ser arrastado sobre rochas. Durou apenas alguns segundos, até o leopardo conseguir segurar melhor a sua presa. Não produziu mais ruído enquanto se afastava com passos silenciosos, transportando a sua vítima sem esforço nos maxilares.

Durante um ou dois dias, não haveria perigo ali, mas poderia haver outros inimigos à espreita, aproveitando aquele Pequeno Sol frio que só brilhava à noite. Com aviso suficiente, os predadores mais pequenos poderiam ser assustados, por vezes, com gritos e urros. Olha-Lua rastejou para fora da gruta, trepou a um grande penedo ao lado da entrada e agachou-se aí para observar o vale.

De todas as criaturas que tinham caminhado sobre a Terra, os macacos-homem eram os primeiros a olhar diretamente para a Lua. E, mesmo que não conseguisse recordá-lo, quando era muito pequeno, Olha-Lua estendia por vezes o braço e tentava tocar aquela face fantasmagórica que se erguia sobre as montanhas.

Nunca conseguira e, naquele momento, era velho que chegasse para perceber porquê. Porque, claro, precisava de começar por encontrar uma árvore suficientemente alta a que pudesse trepar.

Por vezes, olhava para o vale e, em algumas ocasiões, olhava para a Lua, mas ouvia sempre. Uma ou duas vezes, adormeceu, mas o seu sono era muito leve e qualquer som o despertava. Com a prolecta idade de vinte e cinco

anos, conservava todas as suas capacidades. Se a sua sorte se mantivesse e evitasse acidentes, doenças, predadores ou a morte pela fome, talvez sobrevivesse mais dez anos.

A noite progrediu, fria e cristalina, sem novos alarmes, e a Lua subiu devagar entre constelações equatoriais que nenhum olho humano alguma vez veria. Nas grutas, entre sonos breves e agitados e espera temerosa, nasciam os pesadelos de gerações vindouras.

E, por duas vezes, atravessou lentamente o céu, atingindo o seu zénite e descendo para leste, um ponto de luz mais brilhante que qualquer estrela.





## CAPÍTULO 2

### A NOVA PEDRA

**T**arde nessa noite, Olha-Lua acordou de repente. Cansado pelas exaustões e desastres do dia, dormira mais profundamente do que o habitual, mas ficou imediatamente alerta com os ruídos ténues de movimento no vale.

Sentou-se na escuridão fétida da gruta, forçando os seus sentidos na noite e o medo cresceu-lhe lentamente na alma. Nunca na sua vida, que já era duas vezes mais longa do que a vida que a maioria dos membros da sua espécie poderia esperar, tinha ouvido um som como aquele. Os grandes gatos aproximavam-se em silêncio e a única coisa que os denunciava era um raro deslizar de terra ou o esporádico estalar de um ramo. Mas aquele era um ruído contínuo que aumentava de volume sem parar. Era como se uma enorme besta se movesse pela noite, sem fazer qualquer esforço para se esconder e ignorando obstáculos. Num instante, Olha-Lua ouviu o ruído inconfundível de um arbusto sendo arrancado. Os elefantes e os dinotérios faziam aquilo com alguma frequência, mas o mais normal era que se movessem tão silenciosamente como os gatos.

A seguir, ouviu-se um som que Olha-Lua não poderia ter identificado, pois nunca tinha sido ouvido antes na História do mundo. Era o choque de metal contra pedra.

...

Olha-Lua encontrou-se diante da Nova Pedra quando conduziu a tribo na descida até ao rio com a primeira luz da manhã. Quase tinha esquecido os terrores da noite porque não acontecera nada depois daquele ruído inicial e, por isso, nem sequer associou aquela coisa estranha a perigo ou medo. Porque, afinal, não havia nela nada de minimamente alarmante.

Era uma laje retangular, com o triplo da sua altura, mas suficientemente estreita para abranger com os braços abertos, feita de um material completamente transparente. Na verdade, era difícil de ver, exceto quando o sol nascente se refletia das suas arestas. Porque Olha-Lua nunca tinha visto gelo ou até água cristalina, não havia qualquer objeto natural com o qual pudesse comparar aquela aparição. Era, sem dúvida, bastante atraente e, mesmo que fosse sabiamente cauteloso acerca da maior parte das coisas novas, não hesitou durante muito tempo antes de se aproximar. Porque não aconteceu nada, estendeu a mão e sentiu uma superfície fria e dura.

Após vários minutos de pensamento intenso, chegou a uma explicação brilhante. Era uma pedra, claro, e teria crescido durante a noite. Havia muitas plantas que faziam aquilo... coisas brancas e carnudas com a forma de seixos que pareciam brotar durante as horas de escuridão. Era verdade que eram pequenas e redondas enquanto aquela era grande e com arestas afiadas, mas filósofos melhores e posteriores a Olha-Lua estariam dispostos a ignorar exceções igualmente óbvias às suas teorias.

Aquele pensamento abstrato realmente soberbo levou Olha-Lua, após apenas três ou quatro minutos, a uma dedução que testou de imediato. As plantas brancas, redondas e parecidas com seixos eram muito saborosas (mesmo que algumas provocassem doença violenta). Talvez aquela pedra alta...?

Algumas lambidelas e dentadas não demoraram a desiludi-lo. Não havia ali qualquer alimento. Por isso, como um macaco-homem sensato, seguiu o seu caminho até ao rio e esqueceu o monólito cristalino durante a rotina diária de guinchar aos Outros.

A busca de comida foi muito má naquele dia e a tribo precisou de se afastar vários quilómetros das grutas para encontrar comida para todos. Durante o calor implacável do meio-dia, uma das fêmeas mais frágeis caiu, longe de qualquer abrigo possível. Os seus companheiros reuniram-se à sua volta, chilreando e choramingando, compreensivos, mas não havia nada que algum deles pudesse fazer. Se estivessem menos exaustos, poderiam tê-la levado, mas não restava energia para tais atos de bondade. Teve de ficar para trás, para recuperar ou não, servindo-se dos seus próprios recursos.

Passaram pelo mesmo local na caminhada de regresso a casa nessa noite. Não viram sequer um osso.

Na última luz do dia, olhando em redor com ansiedade à procura dos primeiros caçadores, beberam à pressa no ribeiro e iniciaram a subida para as suas grutas. Estavam ainda a cem metros da Nova Pedra quando o som começou.

Era quase inaudível, mas fê-los parar de repente e ficaram paralisados no caminho com os queixos caídos. Uma vibração simples, enlouquecedora e repetida palpitava do cristal e hipnotizava todos os que ficavam ao alcance do seu feitiço. Pela primeira vez (e pela última, durante três milhões de anos), o som de tambores foi ouvido em África.

A palpitação aumentou de volume e tornou-se mais insistente. Os macacos-homem começaram a avançar como sonâmbulos em direção à origem daquele som compulsivo. Por vezes, faziam pequenos passos de dança quando o seu sangue respondia aos ritmos que os seus descendentes não criariam durante eras. Totalmente hipnotizados, reuniram-se à volta do monólito, esquecendo as provações do dia, os perigos do anoitecer que se aproximava e a fome nos seus ventres.

O ruído aumentou de volume e o céu escureceu. E, enquanto as sombras se alongavam e a luz era sugada do céu, o cristal começou a brilhar.

Primeiro, perdeu a sua transparência e preencheu-se com uma luminosidade pálida e leitosa. Fantasmas cativantes e mal definidos moveram-se sobre a sua superfície e nas suas profundezas. Consolidaram-se em barras de luz e sombra e acabaram por formar padrões de raios encadeados que começaram a girar lentamente.

As rodas de luz giraram cada vez mais depressa e a palpitação dos tambores acelerou com elas. Completamente hipnotizados, os macacos-homem conseguiam apenas olhar fixamente, boquiabertos, para aquela espantosa demonstração de pirotecnia. Tinham já esquecido os instintos dos seus antepassados e as lições de uma vida. Habitualmente, nenhum deles estaria tão longe da sua gruta a uma hora tão tardia, pois a floresta em redor enchia-se com as formas paralisadas e os olhos fixos das criaturas noturnas que tinham suspenso a sua atividade para ver o que aconteceria a seguir.

As rodas de luz giratórias começaram a fundir-se e os raios juntaram-se em barras luminosas que recuaram lentamente até se perderem à distância, girando sobre os seus eixos enquanto o faziam. Dividiram-se em pares e os conjuntos de linhas daí resultantes começaram a oscilar uns contra os outros, alterando lentamente os seus ângulos de interseção. Padrões geométricos

fantásticos e fugazes surgiram e desapareceram enquanto as grelhas brilhantes se uniam e separavam e os macacos-homem olhavam, presos no seu fascínio pelo cristal brilhante.

Não podiam adivinhar que as suas mentes eram sondadas, que os seus corpos eram analisados, que as suas reações eram estudadas e os seus potenciais, avaliados. A princípio, a tribo inteira permaneceu meio agachada num quadro imóvel, como se tivessem sido transformados em pedra. A seguir, o macaco-homem mais próximo da laje voltou subitamente à vida.

Não se moveu, mas o seu corpo perdeu a rigidez do transe, tornando-se animado como uma marioneta controlada por fios invisíveis. A cabeça virou-se nesta e naquela direção, a boca abriu e fechou em silêncio, as mãos fecharam e abriram. A seguir, curvou-se, arrancou uma erva comprida e tentou atá-la com dedos trapalhões.

Parecia uma criatura possuída, lutando contra algum espírito ou demónio que lhe tivesse controlado o corpo. Ofegava e os seus olhos enchiam-se de terror enquanto tentava forçar os dedos a fazerem movimentos mais complexos do que quaisquer outros que alguma vez tivessem tentado.

Apesar de todos os seus esforços, conseguiu apenas partir a erva em pedaços. Enquanto os fragmentos caíam ao chão, o poder que o controlava abandonou-o e voltou a sucumbir à imobilidade.

Outro macaco-homem voltou à vida e fez o mesmo exercício. Era um espécime mais jovem e mais adaptável. Teve sucesso onde o mais velho falhou. No planeta Terra, o primeiro nó tosco foi atado...

Outros fizeram coisas mais estranhas e ainda mais inúteis. Alguns estenderam os braços e tentaram unir as pontas dos dedos, primeiro com os dois olhos abertos e depois com um olho fechado. Alguns foram forçados a olhar fixamente para padrões de medição no cristal, que foram divididos cada vez mais até as linhas se fundirem num borrão cinzento. E todos ouviram sons únicos e puros de timbre variável que se afundaram rapidamente abaixo do nível em que eram audíveis.

Quando chegou a vez de Olha-Lua, sentiu pouco medo. O que mais sentiu foi um rancor vago enquanto os seus músculos palpitavam e os seus membros obedeciam a ordens que não eram totalmente suas.

Sem saber porquê, baixou-se e ergueu uma pequena pedra. Quando se endireitou, viu que havia uma nova imagem na laje de cristal.

As grelhas e os padrões que se moviam na sua dança tinham desaparecido. Ao invés, havia uma série de círculos concêntricos rodeando um pequeno disco preto.

Obedecendo às ordens silenciosas no seu cérebro, atirou a pedra com um arremesso atabalhoado sobre a cabeça. Falhou o alvo por vários metros.

*Tenta outra vez*, disse a ordem. Procurou em redor até encontrar outra pedra. Daquela vez, acertou na laje com um tilintar arrastado de campainha. Ainda estava muito longe, mas a sua pontaria melhorava.

À quarta tentativa, ficou a meros centímetros do centro do alvo. Uma sensação de prazer indescritível, quase sexual na sua intensidade, inundou-lhe a mente. A seguir, o controlo esmoreceu. Não sentiu qualquer impulso para fazer algo além de ficar de pé à espera.

Um a um, cada membro da tribo foi possuído por um momento. Alguns tiveram sucesso, mas a maioria falhou nas tarefas que lhe foram atribuídas e todos foram adequadamente recompensados com espasmos de prazer ou de dor.

Restava apenas um brilho uniforme e indefinido na grande laje, tornando-a parecida com um bloco de luz sobreposto à escuridão envolvente. Como se acordassem, os macacos-homem abanaram as cabeças e começaram a mover-se pelo caminho até ao seu abrigo. Não olharam para trás nem se intrigaram com a luz estranha que os conduzia aos seus lares... e a um futuro que, naquele momento, até as estrelas desconheciam.